

## A INTERFACE ENTRE HEIDEGGER E A OBRA LITERÁRIA:

### “É isto um homem?”

Felipe Sávio Cardoso Teles Monteiro<sup>1</sup>

Carlos Eduardo Soares Reis<sup>2</sup>

Carlos Vitor Esmeraldo Albuquerque Beserra<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo é oriundo da leitura da obra de Primo Levi intitulada “É isto um homem?” que narra a sua experiência dentro de um campo de concentração nazista. Tal história despertou nos autores deste trabalho, centelhas que incidiram em perscrutar as semelhanças entre o pensamento de Heidegger sobre o *Dasein*, e sua capacidade de estar aberto para o mundo, desdobrando-se em possibilidades e atribuindo sentido a realidade que o cerca, com a vivência compartilhada pelo autor da literatura. Através disso, busca-se realizar um paralelo entre alguns conceitos de Heidegger e trechos dos relatos de Primo Levi, que exemplificam a condição do homem como um ser em unidade com o mundo em um constante *porvir*.

**Palavras chave:** Heidegger, literatura, fenomenologia.

**ABSTRACT:** This article comes from the reading of Primo Levi's work entitled "Is this a man?" Which tells of his experience within a Nazi concentration camp. This history aroused in the authors of this work, sparks that focused on examining the similarities between Heidegger's thought on *Dasein* and his capacity to be open to the world, unfolding in possibilities and attributing meaning to the reality that surrounds him with the experience shared by the author of literature. Through this, it is sought to draw a parallel between some concepts of Heidegger and excerpts from the accounts of Primo Levi, which exemplify the condition of man as a being in unity with the world in a constant future.

**Key Words:** Heidegger, Literature, phenomenology.

## INTRODUÇÃO

O quão raro é você ler uma obra literária clássica e não perceber aspectos filosóficos, e o exemplo máximo se dá quando parte-se de algo tão intrínseco ao humano, como a própria história de vida. Dentre estas reflexões e absorções sobre o texto, de súbito nos deparamos com diante de diversos aspectos, aglutinados através de vivências assumidamente não teóricas, mas que foram essenciais para compreender o livro. Como é gide desse excerto, Calvino (2001) nos brinda com afirmações: “o clássico não

<sup>1</sup> Professor Assistente da UFMA, Campus de Pinheiro. E-mail: felipesctm@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduando em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: reis\_phb@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: carlosvitoranimas@hotmail.com

*necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber)" (CALVINO, 2011, p.12).*

De fato, o que nos detém na maioria das vezes em uma leitura é sua premente captura dialógica, enquanto despertar de emoções, acerca do significado que está latente em nós, ao passo disso, continua Calvino: *"mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência"*. Dedicado esse primeiro parágrafo para saudar a interação com a obra de Primo Levi, apresenta-se Heidegger ao argumento, como fonte do mote que dialoga entre a filosofia e teoria. Acrescenta-se ainda, uma verve irônica à esta ligação. Diante disso, o livro baseado em sua experiência trôpega nos campos de concentração abre brechas para o encaixe de sua filosofia, já que trata do arcabouço humano em condições reflexivas sobre a vida e morte. Contudo, curiosamente na arte de escrever, possui muitas vezes pares de autores que parecem não haver qualquer possibilidade de estarem lado a lado: *"talvez para explicar a adesão que um autor suscita em cada um de nós, ao invés de partir de grandes classificações gerais, é preciso partir de razões mais precisamente conexas com a arte de escrever"* (CALVINO, 2001, p. 248).

## **NO PRINCÍPIO**

Pode-se imaginar um mundo onde sofrer é tão natural como o voo dos pássaros. Onde a fome não é vista como uma exceção e sim como regra. Onde os pilares que sustentam as condutas morais que regem um bom conviver estão seriamente comprometidos. Imaginemos um lugar no qual você se perceba como transparente e insignificante. Onde você faz frequentes perguntas e quase não recebe um simples retorno. Há um lugar assim ou, pelo menos houve. Um espaço maçante, onde o trabalho era linear, mecânico e rigorosamente rígido para alguns. Insultos, agressões físicas e humilhações faziam parte da vida diária e o máximo que poderia ser feito quanto a isso era ficar calado e permanecer de cabeça baixa.

Apesar de alguns pontos serem semelhantes ao mundo contemporâneo, não é a esse a que nos referimos. Na verdade, algo que não deixa de ser um mundo para seus

habitantes, mas que o existir aparenta acontecer de forma mais intensa sobre diversos aspectos e que se torna incrivelmente penoso até de se imaginar. Esse lócus onde é quase impossível criar laços de afeto, respeito ou de compaixão, no qual solicita-se que os leitores fizessem um breve exercício de imaginação, é o conhecido *Campo de Extermínio ou de Concentração*, lugar aterrador, espaço do ser segregado por possuir religião judaica ou desviar-se da doutrina nazista no período da segunda grande guerra.

Historicamente, sem grandes aprofundamentos, esses campos foram criados como uma forma de opressão, não exclusiva, do povo judeu. Transmitir em palavras o que lá acontecia é insuficiente, limitado e pode levar a um discurso reducionista de quem não o viveu. Há diversas fontes históricas disponíveis que tratam o tema com mais rigor e entendimento, bem como a obra cinematográfica que retrata o cotidiano do campo, intitulado *O menino do pijama listrado* (2008) ou o mais recente *Filhos de Saul* (2015). Aqui, nosso foco não é fazer nenhum tipo de levantamento histórico, acredita-se que há outros autores com mais competência para tal. Contudo, o cerne do manuscrito em questão, gira em torno deste acontecimento histórico, só que através da narrativa de quem de fato viveu e sobreviveu a essa condição. Ademais, foi através da obra de Primo Levi intitulada *“É isto um homem?”* (1988), que pudemos mergulhar de forma inteira e deveras angustiante dentro dessa maneira de existir, que renega todo e qualquer parâmetro de dignidade humana. Com isso, objetivamos fazer um possível paralelo entre a história de Primo Levi e a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, pois intui-se que a obra acima citada, traz mesmo despretensiosamente, uma narrativa fenomenológica existencial sofisticadíssima que propicia a compressão de alguns conceitos Heideggerianos. Destarte, buscaremos de forma gradual proporcionar um panorama geral da obra e buscar possíveis semelhanças, sub-reptícias ou não, com a teoria de Heidegger, auxiliando de forma simbólica, a compreensão de existência para o autor alemão.

## **SOBRE A LEITURA COMO RELAÇÃO**

No século XVII, o progresso do conhecimento científico se deu com René Descartes que privilegiava a racionalidade e a separação do sujeito intelectual do objeto, alvo desse

intelecto. Descartes pretendia chegar a um método que não gerasse dúvidas quanto ao alcance da verdade, e a partir disso, acreditava ser necessário realizar cisões entre o que era passível de ser estudado para se chegar ao real saber científico. Assim, Araújo (2006) demonstra que Descartes *“ao teorizar sobre a racionalidade, ele promove uma separação entre mente e corpo, entre matéria e pensamento e entre razão e as demais formas de conhecimento, nascendo daí a ruptura da ciência com o sensível a natureza a imaginação e o sagrado”* (ARAÚJO, 2006, p. 133-134).

Diante desse fato, a herança ocidental científica, considera o sujeito e o objeto dicotomicamente, ou seja, dois complementos semifundidos em prol de um, onde o primeiro apropria-se do segundo. Nesta visão, não existe uma integração entre ambos, uma possível unidade. Larrosa (2003) explicita isso perfeitamente quando discorre sobre a formação subjetiva da pessoa como leitura:

Pensar a formação como leitura implica pensá-la como um tipo particular de relação de produção de sentido (...) E essa relação tem uma condição essencial: que não seja de apropriação e sim de escuta. (LARROSA, 2003, p. 29-30, Tradução nossa).

Existe uma espécie de diálogo entre o autor da literatura e seu leitor e não apenas uma introjeção de ideais. Com isso, o autor quer dizer que ler não se resume em uma aquisição de informações que se convertem em conceitos e sim de uma experiência singular para cada pessoa que se ponha a vivenciá-la. O ato de ler não é apenas o mero desdobramento de um sujeito detentor do domínio sobre um objeto que é considerado apenas instrumento. Ler uma obra pode ser uma relação afastada da dicotomia sujeito-objeto, que marca profundamente uma vida, tal qual uma relação humana significativa que deixa marcas indeléveis em nossa existência.

A literatura considerada nesse formato vai muito além da sobreposição de páginas. Ela se mostra como uma alteridade, rica em pontos de vistas diferentes, em novas perspectivas, que podem proporcionar ao leitor caminhos jamais imagináveis. Larrosa (2003), se dedicou a interessantes estudos acerca da literatura e subjetividade, destacando a experiência da leitura em seu aspecto formativo. O autor se afasta de um modo de pensar técnico-científico onde há um sujeito cognoscente e um objeto cognoscível, no qual o

primeiro visa apenas apreender o conhecimento do segundo, sem se deixar afetar pelo mesmo. Larrosa (2003) contribui claramente discorrendo sobre a fronteira que irrompe a verdadeira experiência da leitura:

Para que a leitura se resolva em formação é necessário que haja uma relação íntima entre o texto e a subjetividade (...) Estamos informados, mas nada nos comove no íntimo. Pensar a leitura como formação supõe cancelar essa fronteira entre o que sabemos e o que somos, entre o que passa (e o que podemos conhecer) e o que nos passa (como algo ao qual devemos atribuir um sentido na relação a nós mesmos). (LARROSA, 2003, p.28-9, tradução nossa).

Dentro desta linha de pensamento, trata-se de experienciar a leitura vivendo *com* e não *sobre* ela, como em uma bela apresentação de dança, onde os dançarinos se amalgamam, tornando-se difícil distinguir quem conduz, em forte sintonia. Em outras palavras, há uma relação recíproca. Já dizia (BUBER, 2011), que podemos nos relacionar com humanos, natureza, objetos e seres espirituais de forma a ambos ganharem com isso. Isso implica dizer que na experiência somos atores e produtores de sentido. A obra se revela além do que o autor diz, fazendo com que chegue a nós consequências do que pode ser apreendido na leitura. Ao se deixar afetar, deixamos de ser *ex-pectadores* (aquele que espera de fora passivamente) e passamos a ser *in-spectadores* (aquele que está em ação).

Na ação, (FONSECA, 2013) afirma que temos dois modos de ser, o *acontecer* e o *acontecido*. Na esfera do primeiro, encontra-se um modo de ser fenomenológico existencial, caracterizado, dentre outras coisas, como ação, do ator e do *ins-pectador*. Ao contrário da esfera do *acontecido*, que é referente ao *ex-pectador*, situado no biunívoco relacionamento sujeito e objeto, coisificado e retido de suas possibilidades. Desta maneira, dentro da perspectiva desse manuscrito, a leitura como *form-ação* e *transform-ação* se encaixa no modo de ser do *acontecer* referido pelo autor acima. Esse modo nos encontra e faz produzir congruentemente o sentido. Pode-se perceber que a leitura perpassa as conceptualizações de uma atividade objetiva e utilitária, que não interfere no nosso modo de viver. Pelo contrário, a leitura é capaz de proporcionar abertura para uma nova visão de mundo, desde que se procure manter uma relação íntima e performática de sentido,

emergindo a relação de atores com a mesma. Dessa forma, ler é conectar-se genuinamente ao que está escrito.

Ao ecoar a leitura da obra de Primo Levi, proporciona-se essa afetação, provocando uma divagação hipnótica, desvelando um incômodo que transcende a esfera material e nos impulsiona para um novo rumo. A obra “É isto um homem?” não é mera ficção e sim um relato histórico-poético de quem vivenciou e escreveu de forma fenomenológica. Tendo em vista a aproximação desta obra propõe-se uma hipotética relação desta com a filosofia de Heidegger a fim de auxiliar na compreensão de alguns conceitos filosóficos, acentuando desde já a vereda pela inferência e não pela consolidação.

### **UM BREVE PANORAMA DE “É ISTO UM HOMEM?”**

A obra “É isto um homem?” narra de forma explícita a vida de Primo Levi nos campos de concentração. Com uma escrita límpida, o autor traz seu leitor para dentro das páginas proporcionando uma experiência rica em afetos. Levi inicia sua narrativa relatando como se tornou um prisioneiro e detalha sua viagem onde foi carregado como um animal e mal tratado dentro de um vagão impressionantemente lotado. Ainda atônito devido as circunstâncias e com a garganta entalada com as diversas perguntas que gostaria de fazer, Levi chega ao seu destino. A fome e a sede já eram condições impregnadas, e se não bastasse, existia a força devastadora do inverno. Após o ritual de desinfecção, no qual todos os novatos eram amontoados, nus e submetidos a um banho de água quente, os mais novos prisioneiros recebiam uma muda de roupa listrada, fina como seda, que os faziam parecer fantoches sem identidade, terminando por serem lançados no campo gélido.

A partir de então, se inicia a história de um homem em sua constante adaptação a uma nova realidade. Não existe mais o italiano Primo Levi. Existe agora um homem sem cabelos, com um uniforme listrado, face delgada pela circunstância que fora arremetido, um número tatuado no braço, onde cada indivíduo ali o tinha, servindo como ímpio parâmetro de identificação e diferenciação. Não há mais identidade, amigos ou qualquer resquício de tranquilidade. Tudo era muito diferente para Primo Levi, mas quando olhava para algum outro prisioneiro, parecia que todos eram estranhamente iguais. Assim,

começa a rotina maçante de trabalho que atravessa. Não é à toa que, ainda no início da obra, logo no fim da viagem, ao ser obrigado a entrar em uma sala, estava escrito a seguinte frase: *ARBEIT MACHT FREI* (O trabalho liberta) (p.20). Entretanto, o trabalho parecia afundar ainda mais Levi dentro de um mundo no qual se assemelhava ao inferno. Permitam-nos transcrever a seguinte passagem que ilustrará bem o sentimento a que nos referimos:

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana (...) (LEVI, 1988, p.25).

Logo percebemos um sofrimento que transcende o material, o físico. A história se desdobra de maneira poética apesar de ser, muitas vezes, sufocante devido a riqueza de detalhes trazida pelo autor. Vemos continuamente um ser se redescobrendo em um mundo completamente novo. Diante de todas as mazelas que há dentro do campo, gradativamente Levi percebe que o mesmo tem um funcionamento próprio que proporciona brechas de alívio para aqueles que conseguem se adequar diante a perene adversidade. Em vista disso, a seguinte passagem demonstra como alguns *häftling* (termo em alemão usado para designar os prisioneiros) levavam a vida no campo e tentavam a todo custo buscar sua dignidade:

(...) justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção (LEVI, 1988, p.25).

Primo Levi apenas via em si mesmo as profundas marcas que o campo deixava em seu corpo e em sua alma. Com o passar do tempo, foi se adaptando. Porém em hipótese nenhuma isso quer dizer que o sofrimento deixou de existir, já que o déficit de liberdade era adocedor e transplantava desesperança. No mais, foi atribuindo significado a suas vivências, visualizando o funcionamento dos contrabandos que lá existiam e para tentar

ajustar-se de forma palatável, produzia sentido e coagulava os dias passados na memória, resignificando-os e cicatrizando-os. Todo esse processo se deu ao conhecer pessoas que ainda guardavam um resquício de companheirismo e esperança dentro do campo. É válido salientar a aura inevitável de incredulidade, pois com a chegada cronológica de outro alvorecer, a sobrevivência se carimbava, ao ponto de surgir a indagação se era salutar existir por mais esse dia.

De qualquer maneira, a narrativa possui um conteúdo distribuído em 178 páginas, dividido tenazmente em uma série de capítulos relativamente curtos. Acreditamos que não devemos nos aprofundar na história de “É isto um homem?”. Afinal de contas, não queremos retirar o prazer de uma possível e futura leitura na íntegra desse trabalho. O sentido da obra é eminentemente subjetivo e causa impactos idiossincráticos na vida de cada um. Em nosso caso, o sentido da obra está bastante relacionado a alguns conceitos de Heidegger. Inclusive a própria obra pode vir a facilitar a compreensão desses conceitos.

## **POSSÍVEIS COMPARAÇÕES**

Percebe-se a angústia do homem diante da finitude explicitamente nas passagens da narrativa de Primo Levi. Ao ser lançado neste novo mundo que é o campo, o autor se depara de forma abrupta com sua temporalidade. Vemos um homem que fora arrancado de sua realidade sendo obrigado a refletir sobre sua nova condição humana. Posto em um ambiente que a cada instante corre-se o risco de sucumbir, o autor nos interroga: “*Se tivéssemos para ser mortos, amanhã, juntos com seus filhos, será que hoje não lhes dariam de comer?*” (LEVI, 1988, p. 14). Nota-se aqui um ser humano que percebe e se questiona sobre sua condição de *ser-para-a-morte*. Heidegger assim entende que o ser humano é um ente com capacidade singular de refletir sobre sua condição de devir e afirma que a nossa temporalidade, que é finita, nos gera angústia (HEIDEGGER, 2005).

Esse ser que tem a capacidade de refletir e de *vir a ser*, Heidegger denominou de Dasein. Essa nomenclatura caracteriza nossa capacidade enquanto seres humanos de poder transformar e atribuir sentido a nossa experiência. Ao contrário de uma coisa (*res*) que sempre será limitada a condição que a incapacita de usufruir as possibilidades da

metamorfose, devido a sua facticidade e determinação. Sobre a metamorfose e a capacidade criativa, Nietzsche (2012) professa quando diz: *“Criar, este é o grande resgate do sofrimento e o que torna a vida mais leve. Mas, para ser o criador, são necessárias dor e numerosas metamorfoses”* (NIETZSCHE, 2012, p. 81). À vista disso, os seres humanos são criadores. E é graças a essa característica que Primo, como um Dasein, se desdobrou perante a uma nova realidade que lhe foi imposta:

Cedo ou tarde, na vida, cada um de nós se dá conta de que a felicidade completa é irreal; Poucos, porém, atentam para o oposto: é irrealizável a infelicidade completa. Os motivos que se opõem à realização de ambos estados-limite são da mesma natureza; eles vêm de nossa condição humana que é contra qualquer “infinito” (LEVI, 1988, p.15).

Nessa linha de raciocínio, Heidegger acredita ser indissociável a temporalidade do Ser que impõe a nós um prazo de validade. Primo Levi fala na citação anterior com um tom de esperança diante da situação vivida, visto que ao perceber sua finitude acredita e atribui significado a sua infelicidade que também pode vir a ser finita. Para isso é necessário cuidar de si. O Dasein é um ser-para-morte que é Cuidado. Em outras palavras, pelo fato de haver um limite que nos torna frágeis é necessário Cuidado nesse existir. Sodelli e Theodoro (2011), comentam que *“O Dasein é essencialmente livre, no sentido de ser capaz de realizar opções e de tomar decisões das quais resultam os significados de sua existência. (...) o Homem nasce possibilidade e não determinação”* (SODELLI; THEODORO, 2011, p. 249). No campo de concentração as possibilidades ainda existem e podem se desenvolver, entretanto elas são bloqueadas por uma rigidez que não deixa o Dasein se manifestar de forma plena e pessoal. Levi sofre nesse quesito, pois ser-no-mundo é um constante cuidar de si. Só que nas condições que já foram expostas, Levi está privado de sua capacidade de ser ele mesmo. Dessa maneira o autor escreve:

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarmos, não nos compreenderão. Roubarão também nosso nome e,

se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos (LEVI, 1988, p.24-25).

Eis aí um homem que escreve sem hesitação seu sentimento de desvalia. É necessário compreender que é evidente uma redução nas possibilidades do Dasein. Esse enclausuramento é considerado uma forma de adoecimento, pois a abertura para o mundo encontra-se reduzida, já que um outro alguém/algo sempre toma para si as rédeas de uma existência que não o pertence. Em decorrência disso, como prisioneiro que era, Levi sempre estava fadado a ordens e a uma rotina degradante vindas do outro, não sobrando espaço para uma iniciativa que seja verdadeiramente sua. Nesse contexto de privação, Machado e Jorge (2005), afirmam que *“Esse tipo de existência priva o homem da capacidade de alcançar uma verdadeira abertura em direção às coisas e uma verdadeira compreensão do ser”* (MACHADO; JORGE, 2005, p. 199). Nessas condições, a autenticidade é podada por essa atitude de decepar a característica *Sui Generis* do Dasein, de escolher e ser responsável pelo que se escolhe. Nisso não há caráter pessoal, vontade própria ou subjetividade. Há entretanto, impessoalidade. O próprio campo de concentração distanciava a pre-sença, pois o caráter cáustico do ambiente estraçalhava a naturalidade de aptidão física, intelectual e moral de Primo Levi despersonalizando. Nas palavras de Heidegger (2005): *“O impessoal tira o encargo de cada pre-sença em sua cotidianidade”* (HEIDEGGER, 2005, p. 180). Acerca disso, Levi comentava sobre sua angústia diante da impessoalidade:

Esta será, então, a nossa vida. A cada dia, conforme o ritmo fixado, *Ausrücken* e *Einrücken*, sair e voltar; trabalhar, dormir e comer; adoecer, sarar ou morrer. (...) o problema do futuro longínquo foi se apagando, perdeu toda intensidade, perante os problemas do futuro imediato, bem mais urgentes e concretos: como a gente comerá hoje, se vai nevar, se vamos ter que descarregar carvão (LEVI, 1988, p. 34).

A cotidianidade para Heidegger *“é, antes, um modo de ser da pre-sença, justamente e sobretudo, quando a pre-sença se move numa cultura altamente desenvolvida e diferenciada”* (HEIDEGGER, 2005, p. 87). No campo vivido por Levi havia um cultura própria que articulava uma rotina rígida e sistemática. O tom de resignação se confunde

com uma algúria que se tornava vívida em seus sonhos. Pois, como traz Heidegger (2005), “O angustiar-se abre, de maneira originária e direta o mundo como mundo” (HEIDEGGER, 2005, p. 251). Enquanto o dia obedecia a um ritmo fixado como descrito acima, nas noites a consciência retornava a si própria, lívida e aferrada por mais um dia permanecer sã. Como fagulhas de possibilidades que emergiam em lembranças, Primo relata que no campo “*a personalidade corre mais risco de se perder do que a própria vida*” (LEVI, 1988, p.54). O Dasein em um constante vir a ser resgata, através das lembranças, a sua pessoalidade.

Quando se trabalha, se sofre, não há tempo de pensar; nossos lares são menos que uma lembrança. (...) as lembranças do mundo de fora povoam nossos sonhos e vigílias; percebemos com assombro que não esquecemos nada; cada lembrança evocada renasce à nossa frente, dolorosamente nítida. (LEVI, 1988, p. 54)

Salientam (SÁ; BARRETO, 2011) que a angústia possui um caráter impulsionador para a liberdade que devolve ao homem sua condição de ser-no-mundo, livrando-o do objetivismo e da impessoalidade que o assola, apresentando o caráter de des-esperar, você distancia-se do esperar e portanto age! Heidegger considera o homem um ser-no-mundo, tal designação não está se referindo ao ser humano como uma coisa que está inserida no interior de algo, e sim a uma relação de intimidade inevitável que o ser humano tem com seu universo. (HEIDEGGER, 2005). O ente pode ter o caráter de pre-sença e esse ente “*somos nós mesmos*” (HEIDEGGER, 2005, p.77).

Nós, seres humanos que nos ocupamos com os afazeres do dia-a-dia, que temos afeição para com nossos entes queridos, que possuímos sonhos e um relativo projeto para o futuro, somos detentores da capacidade de transformação diante das nossas escolhas e das consequências advindas destas, portanto o homem é o ser do devir que não estagna, pois enquanto ser vivo, pulsa em si feixes de processos orgânicos e existenciais. O termo pre-sença é cunhado por Heidegger a fim de caracterizar essa diferença entre nós e algo simplesmente dado no mundo. O termo original que tem a mesma conotação de pre-sença é a palavra alemã Dasein, ou a morada do ser (HEIDEGGER, 2010). Paulatinamente as situações no campo foram sendo modificadas. O próprio caráter de atribuição de sentido do ser-no-mundo propiciou essas modificações. Primo Levi soube valorizar as pequenas

frestas de alívio que surgiram, até mesmo quando ficou doente e foi mandando para enfermaria. Observa-se nesse sentido, que enquanto Primo Levi cuidava de um aspecto *aparentemente* físico na enfermaria devido às doenças que circulavam no campo, por trás do véu desse momento, também apaziguava sua condição “psíquica:

A saúde física e a saúde mental devem ambas estar subsumidas à compreensão do ser do homem como ser-aí, ou seja, como *Dasein*, em seus modos de ser-no-mundo (...) Fincado em sua liberdade, o homem é a potencialidade de ser-no-mundo, o que o torna distinto de uma pedra, de uma planta e mesmo dos animais (NOGUEIRA, 2007, p. 432).

Mais uma vez é enaltecida o ardil potencial do *Dasein* em se descerrar nas possibilidades de sua existência. Para Heidegger o fenômeno que se denota com a fuga do ser-aí tem sensação de angústia, um temor que ocasiona subterfúgio a um espaço ôntico, escuso de nutrição do possível, portanto uma digressão de ser para ente.

## 6 KA-BE PRESSUPÕE CURA

Uma das partes mais belas do livro e imprescindíveis para entender o laboratório humano chamado campo de concentração, acontece no capítulo intitulado Ka-be: “*Ka-be é a sigla do Krankenbau, a enfermaria. Oito blocos, iguais aos do Campo, porém isolados por uma cerca de arame farpado.*” (LEVI, 1988, p.45). Tal espaço, era uma área de passagem, uma superfície de aparente descanso e solicitude humana. Porém tinha como norma a marcação cronométrica da estadia, como apresenta esse trecho: “*para lá mais de duas semanas e ninguém mais de dois meses: nesse prazo a regra é ficar bom ou morrer. Quem tende a ficar bom, é curado no Ka-Be; quem tende a piorar, do Ka Be é mandado às câmaras de gás.*” (LEVI, 1988, p.45). Contudo, acha-se um paralelo com a teoria do *Dasein* quando falamos da Cura (*Sorge*) fenomenológica, pois um dos atributos do Ka-Be é aparentemente ser o lar dos enfermos em iminência de morte, e é no Ka-be que Primo Levi, exausto ao ponto de não conseguir raciocinar o significado de tudo que o rodeia, insufla-se ávido em Ser. Em paralelo, Heidegger (2005), considera:

A elaboração ontológica desse fenômeno existencial fundamental exige a sua delimitação frente aos fenômenos que, de imediato, podem identificar-se com a cura. Esses fenômenos são vontade, desejo, tendência, propensão. (HEIDEGGER, 2005, p. 245).

O Ka-be era uma potencial transformação do estado de humor pusilânime dos presos, as possibilidades de não trabalhar eram reais, as dores físicas e psíquicas ganhavam atenção maior, a troca de experiências com os outros enfermos era episódio digno de convalescença, já que a mútua atenção, trazia decerto, aos poucos o afeto estraçalhado pela rotina do campo. Naquele instante, quiçá fugaz, tornava-se precioso e prevalecia a intenção de ser alguém além de mais um judeu nas arestas da concentração nazista. Primo Levi no excerto do livro exemplifica com mais autoridade:

O Ka-be é o campo livre de sofrimento físico. Por isso, quem ainda possui um germe de consciência, recupera essa consciência; por isso, nos eternos dias vazios, a gente não fala apenas de fome e de trabalho; chegamos a considerar nos transformaram, o quanto nos tiraram, o que é a nossa vida. (LEVI, 1988, p.54).

Ao refletirem sobre a existência maculada, o grupo de enfermos tratam-se, cuidam-se e migram à probabilidade do ator heideggeriano, pois criam em meio as trevas um espaço de trocas, onde nascem sentidos prenhes de vida e higiene mental. Vede, Heidegger ilustra muito bem: *“em seu ser junto ao “mundo” e em seu ser-com os outros, está em jogo o seu poder-ser mais próprio.”* (HEIDEGGER, 2005, p. 244). Beira o óbvio que tal capítulo é relevante à discussão fenomenológica, ainda mais pelo certame da experiência humana em Auschwitz. A sensação é evocada e brindada com maestria por Zaratustra de Nietzsche (2002) *“Em vão subirá a esta altura quem procurar aqui esse homem: encontraria cavernas e grutas, esconderijos para a gente que se precisa ocultar, mas não poços de felicidade nem tesouros, nem filões áureos de ventura”* (NIETZSCHE, 2002, p.380).

## **ENTRE ENTE, SER E MORTE**

No clímax do livro, encontra-se o personagem principal já exausto por levar uma vida desgraçada, destroçada e regida por seres ‘superiores’ que o utilizavam como

ferramenta pragmática para o trabalho. Assim sublima sua condição lazarenta de vida, exclamando nas linhas “*Os personagens destas páginas não são homens*” (LEVI, 1988, p.124). Ou melhor, são homens destituídos de humanidade, pois não podem escolher, por serem prisioneiros de sua própria etnia e portanto algemados na realidade do cárcere existencial. Heidegger quando trabalha o termo ente, busca a raiz etimológica do grego, chamando-o de coisa, objeto, este não mais munido de potência criativa, nesse estado do ser. Há o que se poderia metaforizar como refém da inércia, pois sua condição existencial é ser-aí, prestes ou não a ser-no-mundo, “*o modo de ser deste ente é a manualidade*” (HEIDEGGER, 2005, p.113). Levi descreve como que um heideggeriano “*por isso, não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem*” (LEVI, 1988, p.173).

No decorrer dos capítulos finais, se percebe uma entrega dos sobreviventes, já encravados pela causalidade de suas tarefas, suas circunstâncias e seu estilo de vida fatalista. “*Destruir o homem é difícil, quase tanto como cria-lo: custou, levou tempo, mas vocês alemães, conseguiram.*” (LEVI, 1988, p.152). Logo conflui com Heidegger em mais um sentido “*A cotidianidade assevera uma espécie de certeza da morte*” (HEIDEGGER, 2005, p.38). É arrepiante cada linha lida nos derradeiros capítulos, o leitor fica faminto de esperança, pelo momento de redenção que os próprios judeus esperavam e reservavam para si. Percebe-se que a morte seria a alegria, o horizonte do possível, o matiz da vida plena ou como Heidegger pontua: “*Num prelineamento existencial, determinou-se o ser-para-o-fim como o ser-para o poder ser mais próprio, irremesível e insuperável*” (HEIDEGGER, 2005, p.37)”

Foi quando Levi novamente deu baixa ao Ka-be, já no último capítulo do livro, que a libertação de todo aquele purgatório se fazia próxima. Os canhões russos já se aproximavam dos campos contra os alemães, que em menor quantidade fugiam aos poucos. Perante esse acontecimento, os diálogos que predominavam eram pura expectativa “*Morgen, alle Kamarad we. (Amanhã, todos vão embora).*” (LEVI, 1988, p. 154). O admirável é que o leitor consegue compreender a indiferença de Levi a todas essas notícias, as recebendo com certa apatia: “*A notícia não despertou em mim nenhuma emoção direta*” (LEVI, 1988, p.154). Entendemos o que Levi nos traz, não nos revoltando com ele,

já que há tempos não era mais tocado pela dor, felicidade ou medo, destacando seu estado de dessensibilização. Tal (HEIDEGGER, 2005) exemplifica em *Ser e tempo*, toda essa vivência reificadora, traz a permanência de ser-aí, onde nada mais é tão chocante que possa sair facilmente desse ser-aí, mesmo que positivamente. *“Quanto mais se compreender e desentranhar essa possibilidade, tanto mais puramente a compreensão penetra na possibilidade como a possibilidade da impossibilidade de existência”* (HEIDEGGER, 2005, p. 46).

Finalmente na manhã de 23 de janeiro, quando avistado a cerca derrubada pelo conflito entre alemães e tropas russas, Levi partiu em retirada com o grupo de judeus que ali aproveitavam seus primeiros passos na liberdade, *“sem que arames farpados me separassem de minha casa”* (LEVI, 1988, p.169). Ao revigorar-se, refuta sobre essa liberdade, em seu viés exitoso ou não, demonstrando que nos campos aprendeu a não pensar, pois a sensação é constantemente exigida e a razão passa a submergir nessa relação *“pensar não serve para nada, porque os fatos acontecem em geral, de maneira incompreensível”* (LEVI, 1988, P.173). Como prefere (HEIDEGGER, 2005), a sensação em detrimento do logos, a provocação empírica ao invés da teórica, o experiencial guiando o racional, o sobrepor ontológico sobre o ôntico, assim conclui *“A questão do ser visa às condições de possibilidades das próprias ontologias que antecedem e fundam as ciências ônticas”* (HEIDEGGER, 2005, p.37).

## CONCLUSÃO

Levi e alguns companheiros conseguem sua liberdade integrada, agora poderão ter sua paz que mais parece ser uma ordem no caos, até por não saberem o que aconteceu com os familiares e para onde irão agora e como seguirão suas vidas. Certamente é considerável que não terão mais o regime dos campos de extermínio, mas será que os campos de extermínio algum dia desencravarão totalmente de suas psiques? Lamentável é saber que não. Tão exauridos de prerrogativas foram os judeus, que o ranço histórico se perpetua pelas gerações, recaindo até hoje, por se fazer merecerem suas compensações e direitos retirados por uma época vermelha, infernal e atroz. É sabido que nada disso pode

influir no que foi feito décadas atrás e que não há antídoto para o abalo social passado, mesmo possuindo inúmeras tentativas de ressarcimento moral, é deveras vergonhoso ao flanco ocidental e impossível de qualquer indenização à altura.

Dado este fato, é imprescindível compreender, mesmo que superficialmente, o que se passou nessa época de nossa história e tentar ressoá-la, no intuito de não mais se repetir preceitos ditatoriais e intolerantes ao homem. Buscando por conseguinte, melhorarmos como seres humanos, ampliando nossa flexibilidade perante as diversidades de escolhas: “*Nenhum outro tema referente ao pensamento heideggeriano possui um caráter tão controverso e explosivo quanto o tema da relação Heidegger e o nazismo*” (CASANOVA, 2009, p.150), filosofou de forma voluntária para ressoar confortos combatentes para a abafada sensação do que é viver na presença das adversidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO**, C. A. A. *A ciência como forma de conhecimento. Ciências & cognição*. 2006. V.08. 127-142.
- BUBER**, M. *EU e TU*. São Paulo: centauro, 2001.
- CALVINO**, ITALO. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das letras, 1993. 279.
- CASANOVA**, M. A. *Compreender Heidegger*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 244.
- FONSECA**, AHL. (vídeo) Gestalt. Gestaltificação. Ação. Modo de sermos do ator. (2013). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YimbHDGnEck> >. Acesso em: 25 abr. 2016.
- FREIRE**, J. C. *Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência*. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, n. 2, 2008.
- HEIDEGGER**, M. *Carta ao humanismo*. 2 ed. Editora Centauro: São Paulo, SP, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo (parte I)*. 15 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo (parte II)*. 15 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2005.
- LARROSA**, J. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. México: FCE, 2003.
- LEVI**, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco Ltda. 1988. P.175.

**MACHADO, C. E. JORGE, M. S. B.** Ser profissional de saúde em uma unidade neonatal de alto e médio risco: o visível e o invisível. *Estudos de Psicologia Campinas*. 22(2). 197-204. Abril – junho. 2005.

**NIETZSCHE, F.** *Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Lafonte, 2012.

**NOGUEIRA, R. P.** A saúde da physis e a saúde do dasein em Heidegger. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 17(3): 429-450, 2007.

**SÁ, R. N. BARRETO, C. L. B. T.** A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. *Estudos de Psicologia Campinas*. 28 (3): 389-394, Julho – setembro. 2011.

**SODELLI, M. TEODORO, AS.** Visitando os “Seminários de Zollikon: novo fundamentos para a psicoterapia fenomenológica”. *Psic. Rev.* São Paulo, volume 20, n.2, 245-272, 2011.